

Uma alma provida de janelas: O Teatro da Memória através de um itinerário imaginário a *L'idea del teatro* de Giulio Camillo

Denise *BUSSOLETTI*¹

ALMEIDA, Milton. **O Teatro da Memória de Giulio Camillo**. Cotia, SP: Ateliê Editorial: Campinas: Editora da UNICAMP, 2005. 328 p. ISBN: 85-7480-296-4(Ateliê Editorial), ISBN 85-268-0698-X(Editora da UNICAMP).

Milton José de Almeida através do ensaio “O teatro da memória de Giulio Camillo” apresenta os conceitos elaborados pelo renascentista italiano Giulio Camillo Delminio pela análise de sua obra clássica *L'idea del teatro*. Mais do que somente apresentar o autor propõem algo como um caminhar por entre textos e imagens, que solicitam ser lidos como “itinerários imaginários”, ou caminhos percorridos através de “imagens e locais, textos e idéias, pinturas e palavras” que revelam “um pouco e aos poucos” (p.8) a obra de Camillo.

Seguindo este itinerário constatamos que a obra é organizada em três partes: numa primeira encontramos as ideias e os textos de Giulio Camillo e a *Arte da Memória*, na segunda parte, expostas ao “olhar”, estão as imagens representativas do *Teatro da Memória*, e na terceira parte, a tradução integral da “*L'idea del teatro*” com notas e comentários, pelo autor, acrescidos.

É importante ressaltar que, seguindo as instruções do Milton José de Almeida é o leitor quem pode decidir como atravessará as páginas, ou percorrerá as partes que compõem o livro. As imagens ocupam estrategicamente o centro da passagem pela leitura ressaltando a sua importância em qualquer uma das direções escolhidas.

Também é importante destacar o fato de que Milton José de Almeida após alguns anos estudando a *Arte da Memória*, especificamente nas suas manifestações em imagens da pintura e do cinema, dedica-se através da edição deste livro, a buscar um lugar mais visível (para além de alusões e citações) para a obra de Camillo no Brasil. Revela-nos qual foi o método de realização deste trabalho:

Reunindo essas inúmeras alusões, citações e estudos, estabeleci com eles uma espécie de mapa transparente de um espaço imaginário, um trajeto a ser percorrido por pontos já conhecidos e outros, inúmeros, a serem conhecidos. Imaginando este trabalho como um pequeno Teatro da Memória, abri esse mapa em Veneza,

¹ Professora Associada da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas

coloquei-o sobre o da cidade, deixando que se entrelaçassem e amalgamassem num mesmo tempo da pesquisa e o de Camillo. Andei por esse novo lugar como pelos degraus ou graus iniciáticos do Teatro de Camillo, perguntando e conversando com locais e imagens que aí passaram a se apresentar, e que me faziam inúmeras perguntas, assim me encaminhando também, para fora da cidade (p.8).

Tentaremos nesta resenha seguir o método proposto por Milton José de Almeida preservando, na medida do possível, o seu método da composição, incluindo as divisões e subdivisões conferidas. Optamos por fazê-lo desta forma pelo entendimento da importância do movimento textual realizado que coloca em consonância a idéia do teatro de Giulio com a tradução, análise e comentários proferidos. Passemos assim a seguir ao caminho sugerido.

I Parte - O teatro da Memória de Giulio Camillo

Esta parte do livro é subdividida em cinco outras partes. Obedecendo a mesma sistematização realizada podemos apreender:

1- Um trabalho de contextualização do autor e da obra através de “Em torno de Camillo”, onde o autor se refere ao projeto deixado aos leitores pela “*L’idea del teatro*” como sendo:

uma “grande enciclopédia do saber, uma fábrica da memória universal, composta dos mais notáveis textos e imagens do tesouro, da filosofia, da literatura, da ciência, das religiões, das artes. Uma classificação hierarquizada e articulada do saber universal, para ajudar a memória e propiciar ao praticante da Arte da Memória o seu domínio, que tomaria a forma de um verdadeiro Teatro do Mundo (p.13).

A hipótese era de que esse teatro deva ter sido feito de madeira, com a possibilidade de ser ocupado por duas pessoas de cada vez. Esta estrutura seria composta por diversos graus, materializado através de 49 degraus, onde estariam presentes textos e imagens penduradas em suas paredes. Ao penetrar no fluxo e nas direções múltiplas que as informações suscitavam, o praticante da Arte da Memória ingressaria num mundo de transformação interior, no sentido de um aperfeiçoamento crescente que num primeiro momento seria de ordem retórica, para posteriormente evoluir ao “espiritual, mágico, divino”, um espetáculo “imitável e memorável” assim descrito:

Não só: a memoração imitativa seria conduzida pelas artes transmutatórias da alquimia, presentes e seladas em cada degrau. Não só: a transmutação espiritual seria movimentada pelas espirais de *Sefirot*, pela cabala das letras e da interpretação do nome de Deus. Não só: o praticante orientado pelos sete anjos que presidem o Teatro, chegaria à presença do *Intelecto Supremo*, próximo ao Uno, a deus, ao Princípio, àquele que não pode ser ouvido nem visto, pois não é imagem, nem palavra (p.15)

Pelo nome de batismo, Giulio Camillo Delmínio, possivelmente tenha nascido em Portogruaro, no Friuli, Veneto Oriental, aproximadamente em torno de 1480-1484. Um nome pouco citado, existindo poucos documentos que nos permitam conhecer sobre a sua vida. Sobre sua morte pairam pelo menos três possibilidades: em uma Camillo teria morrido em 15 de maio de 1554 acometido por problemas respiratórios, em outra teria morrido na prisão onde cumpria pena por práticas alquímicas e uma terceira que atesta que a causa morte foi a “luxúria desenfreada”. Considerado um sincretista, um homem de notório saber, despertou tanto a antipatia como a admiração por suas qualidades como “filósofo, literato, poeta, orador, alquimista, mago, e verdadeiro iniciado em mistérios herméticos e cabalistas”(p.15).

2- Camilo e os Textos: Milton José de Almeida ressalta que L’idea del Teatro não foi um texto escrito, mas um texto ditado ao final da vida por Camillo, e pode ser lido como uma “tessitura” por entre textos, imagens, idéias que remetem a imagem de um “grande teatro da memória e da sapiência, no qual textos e imagens se cruzam a todo instante, enquanto revelam sentidos e partem novamente”[...] (p.27-28). Ocultações e revelações conduzidas pela mística hebraica onde o participante seria levado a uma “visão indireta das Idéias”, vivenciadas como “numa cintilação momentânea, momento em que a imagem tornar-se-ia signo do divino, ligar-se-ia à essência celeste que ela encarna, e tornar-se-ia intercambiável com essa essência” (p.46).

O percurso nesse Teatro se daria através do movimento por entre palavras e imagens em múltiplas dimensões, onde a perspectiva necessária para adentrar neste espaço era de que as pessoas se constituíssem em “espectadores ativos, que olham e lêem e se deixam arrastar e conduzir pelas suas imagens agentes” (p.35). Do centro do “palco” seriam avistados “Sete Pilares da Sabedoria, de Salomão, que assinalavam as portas ou entradas custodiadas pelos sete planetas: Lua, mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter e Saturno. Mas na porta central há uma inversão no lugar do Sol, Camillo coloca o Banquete” (p.35). [...] “De cada uma dessas portas partem sete(de)graus, que

compõem horizontalmente o Teatro e se cruzam verticalmente com os graus de cada porta dos Sete Planetas”(p.36). Este conjunto forma algo como uma “grade composta de 49 loci especialmente criados para serem percorridos” (p.36).

Um “local fantástico”, onde os diferentes papéis que as pessoas ocupam nesse Teatro pode assim ser compreendido:

É um Teatro sem público, em que o Eu que o visita está só. E solitário executará as funções concomitantes de espectador, diretor, coreógrafo, roteirista... Estará no palco e também na platéia. Enquanto participa da narração das imagens e ouve seus textos, recebe os ensinamentos da retórica, da filosofia, da pintura, da poesia, da alquimia, do cristianismo nas figuras dos deuses pagãos, da arte divina da combinatória cabalista das palavras. Estará numa espécie de circuito visual de arte transmutatória, de transformação no divino, em que o primeiro e o último degrau se entrelaçam (p.41).

3 - O pensamento de Camillo: Em Veneza, no período em que viveu Camillo, estava o considerado mais importante círculo de artistas, estudiosos e praticantes da prisca *theologia*, a Teologia dos Antigos. Envoltos em torno da “tradição ficiniana da Concórdia universal de todas as formas de sabedoria, e sua confluência com doutrinas neoplatônicas, o hermetismo e a cabala, principalmente segundo o método de interpretação secreta de Pico della Mirandola. E também a magia e as técnicas astrológicas expostas por Ficino, no *De Vita coelitus comparanda*.

O papel atribuído as imagens possuem como base a Arte da Memória, sendo dotadas de um caráter produtor de ação e magia. As imagens atuam como força psíquica inconsciente que entram em contato com as emoções e estabeleciam conexões com o sistema astrológico. Ao utilizá-las as pessoas conectam-se em um “trajeto planetário para o pensamento, que recebe o fluxo mágico da energia e virtude dos planetas” (p.52).

Para Camillo, no homem encontra-se a “essência de tudo e de todas as formas” (p.55). Esse homem interpretado como um “Deus mortal” poderá ter como destino “trilhar os passos de retorno ao Pai, pela meditação que ilumina, gradativamente, o caminho ensombrecido pela vida material e carnal, pela opacidade dos sentidos” (p.55). Mais do que reflexões sobre estes assuntos, Camillo acaba propondo um caminho:

[...] um caminho de conhecimento sapiencial e de autoconhecimento para o homem, cuja natureza ambígua,

composta de matéria corrompível e divina, permite-lhe escolher entre dois destinos diversos: deixar-se levar pelos prazeres e pelas coisas corpóreas da sua natureza inferior, ou aceitar as verdades eternas dos pais espirituais, orientar-se pelo modo perfeito, Cristo, e empreender o caminho de volta ao Pai, através da conversão da arte transmutatória. A encarnação do Verbo resgata o homem corrompido pelo pecado original ao mesmo tempo em que restaura o Universo, reconvertendo-o e dando-lhe o caminho para a perfeição e a salvação final. Sua obra *L'Idée del Teatro* representa exatamente isso [...](p.55).

4 – As imagens: o autor propõe como imagens supostamente presentes no Teatro de Camillo um conjunto de obras e de pintores, direta ou indiretamente relacionados. Entre estes pintores e obras, apresenta:

- Tiziano (ca.1482-1576): Alegoria da Prudência (ca. 1565) [Fig 1], Transfiguração (ca. 1560), A visão de São João Evangelista (ca. 1544), Pinturas para o Escorial, Danae (ca. 1533), Vênus e Adônis (ca. 1554), Perseu e Andrômeda (ca. 1554), Diana e Ateão (ca. 1559), A morte de Ateão (ca. 1559). Diana e Calisto (ca. 1559), Rapto de Europa (ca. 1562), Amor Sacro e Profano (ca. 1514), Orfeu e Eurídice (ca. 1510), Orfeu(1515) e o Escalpamento ou A Punição de Marsias(ca. 1575).

- Francesco Salviati (1511-1563): As três Parcas [Fig 2], Sibila Comuna, A Incredulidade de São Tomé, A Paz que Queima as Armas, Alegoria da Fortaleza, da Fé, da Esperança e da Caridade, Os Levitas Transportam a Arca da Aliança, Apolo e Marsias, O Carro da Lua e do Sol, São João Evangelista e Íxion e Juno(anônimo do séc. XVI, baseado em Salviati).

- Giorgione (1477 ou 1478-1510): As três Idades [Fig 3], Friso de Castelfranco, Giovanni Borgherini com o Mestre Astrólogo e Studiolo de Francesco I de Medici.

- Lorenzo Lotto (1480-1556-7): Alegoria do Vício e da Virtude [Fig 4].

5 - A Estrutura do teatro, em *L'Idée Del Teatro* de Giulio Camillo: o teatro como concebe Camillo sinteticamente pode ser assim ser descrito:

“Primeiro Grau – Os sete planetas: Lua/Diana; Mercúrio; Vênus; Sol/O Banquete; Marte; Júpiter; Saturno”(p.92).

“Segundo Grau – O Banquete, que o oceano oferece aos seus deuses, representa a “água da sabedoria”, na qual se colocam as idéias, os elementos primários “(p.94).

“Terceiro Grau – A Caverna, em que as ninfas tecem panos purpúreos e as abelhas fabricam o mel, representa os elementos no nível do mundo natural e suas misturas (p.94).

“Quarto Grau – As Górgonas, as três irmãs de um só olho, representam as três almas do homem, sua dimensão interior” (p.94).

“Quinto Grau – Pasifaé, com o touro, representa a descida da alma no corpo e, portanto, o homem exterior, a sua dimensão física” (p.95).

“Sexto Grau – As Sandálias, que representam as operações naturais do homem, aquelas que ele cumpre sem a ajuda de instrumentos ou técnicas” (p.95).

“Sétimo Grau – Prometeu, que representa todas as artes e as ciências, e seus produtos” (p.96).

II Parte – O Teatro da Memória Imaginado: o olhar

A parte 2 do livro Milton José de Almeida é composta por um conjunto de imagens apresentadas através dos pintores e obras que supostamente fariam parte do “Teatro da Memória”, conforme anteriormente referimos.

III Parte – A Idéia do Teatro (1552) – Giulio Camillo

Passemos agora a terceira parte do livro, onde Milton José de Almeida apresenta a sua tradução com notas e comentários de L’idea del teatro.

1- O Primeiro Grau do Teatro

Camillo introduz seu texto dizendo que “Os mais antigos sábios e escritores tiveram o costume de esconder os segredos de Deus em seus escritos sob obscuros véus, para que só fossem entendidos por aqueles que (como diz Cristo) tem ouvidos para ouvir” (p.219). Para posteriormente concluir sobre estes segredos que:

Não é lícito revelá-los, porque os revelando, comete-se um duplo erro, que é o descobri-los a pessoas não dignas, e de tratá-los como nossa língua inferior, eles que só podem ser revelados pelas línguas dos anjos. João escreveu suas visões sem procurar declará-las de outra maneira. E nós, em nossas coisas, precisamos de imagens como significadoras daquelas coisas que não devemos profanar. E é caro a deus que suas coisas sejam mantidas sob a reverência de seus próprios véus” (p.222).

Tomando como referência as Sefirot, as sete colunas sobre as quais está apoiado o mundo, segundo Salomão no nono Provérbio e a simbologia das 49 palavras do texto hebreu do Padre Nosso, como sendo o número da remissão dos pecados, e a simbologia do número 7, pelos sete pedidos feitos a Deus, Camillo cria “para dar ordem à ordem” através de seu teatro 49 locais principais, sendo sete colunas com sete degraus em cada uma. Atribui sete portas, ou distinções, a cada planeta.

No primeiro grau, poderão ser vistas as sete portas dessemelhantes, e sobre a porta de cada coluna serão pintados os planetas sob forma humana (exceção do Sol), assim como todas as coisas pertencentes ao seu mundo sobreceleste e às ficções dos poetas a isso relacionada.

Sob a porta da Lua, tratar-se-á de seu mundo sobre celeste, Malkut e Gabriel.

Do celeste, a Lua, a opacidade, a grandeza e a distância dela. Nas fábulas de Diana, seus símbolos e o número de Dianas.

Sob a porta de Mercúrio, em seu mundo sobreceleste, estarão Iessod e Michael.

No celeste, o seu planeta.

Nas fábulas, Mercúrio mensageiro dos deuses, e seus instrumentos.

Sob a porta de Vênus, no sobreceleste, Hod, Netzach, Honiel.

No celeste, o planeta Vênus.

Nas fábulas, a deusa Vênus, Cupido, seus instrumentos, o número das Vênus e dos Cupidos.

Sob a quarta porta do primeiro grau do Sol [...] um banquete.[...]

Sob a porta de Marte, no mundo sobreceleste, estarão Guevurá e Camael.

No celeste, o planeta Marte, e nas fábulas, o deus Marte e seus instrumentos.

Sob a porta de Júpiter, no mundo sobreceleste, Hessed e Zadchiel.

No celeste, o planeta Júpiter.

Nas fábulas, o deus Júpiter e seus instrumentos.

Sob Saturno, teremos no sobreceleste Biná e Zapchiel.

No celeste, o planeta Saturno.

Nas fábulas, o deus Saturno e seus instrumentos(p. 231-2-3)

2- O Segundo Grau do Teatro: O Banquete

Em todas as portas do segundo grau a mesma imagem pintada – um banquete. Clara alusão ao banquete platônico e também a Fílon de Alexandria que associa “o banquete” ao “teatro do mundo” e as relações entre o banquete, lenda relatada por Cícero, e a Arte da Memória.

Sob a porta do banquete em qualquer um dos planetas estariam “as coisas mais vizinhas do intelecto”, “simplíssimas”. Assim dispostas:

Sob a porta do Banquete lunar estarão duas imagens, aquela de Proteu e a de Netuno com o tridente.

[...] Sob o Banquete de Mercúrio haverá uma imagem de elefante
[...] animais mais religioso de todos [...]

Sob o Banquete de Vênus haverá uma esfera com dez círculos, e o
décimo será áureo, e carregado de pequenos espíritos [...]

Sob o Banquete de Sol deveria estar Apolo [...] e sob sua porta
tratar-se-á de Tiferet e de Rafael.

Sob o Banquete de Marte haverá duas imagens, um Vulcano, e uma
boca do Tártaro aberta e que devora as almas[...]

[...] Sob o Banquete de Júpiter haverá duas imagens, uma de Juno
suspensa e a outra de Europa.

[...] E, sob o Banquete de Saturno haverá duas imagens, uma de
Cibele, como descrita por Lucrécio, engrinaldada de torres e puxada
por dois leões ligados ao seu carro, a qual significando a terra,
significará para nós, neste lugar, a terra simples e virgem [...]

A outra imagem de Cibele lançará um vômito de fogo, e sob esta
estará o volume do Inferno e dos nomes das suas moradas e das
almas danadas [...] (p.247-8-9-250)

3 – O Terceiro Grau – A caverna

No terceiro grau Camillo prevê, em cada uma de suas portas, uma caverna. Diferencia da caverna platônica, e denomina-a de caverna Homérica. “Homero, pois, imagina no porto de Ítaca uma caverna, na qual algumas ninfas tecem panos purpúreos, e imagina abelhas que entram e saem fabricando seu mel, que significam as coisas mistas e elementais” (p.253). Em cada uma das sete cavernas, obedecendo a natureza de seu planeta seriam conservados os mistos e os elementais a ele pertencentes.

4 – O Quarto Grau – As Górgonas

Neste grau Camillo faz referência a fábula grega das três irmãs cegas, as Górgonas, estas por terem somente um olho compartilhado e que quando era emprestado de uma à outra, aquela que o tinha “tanto via, como havia”(p.289). Camillo compreende que neste símbolo reside todo o mistério da verdade que nos faz entender que “o raio divino está fora, e não dentro de nós. Ora, esta imagem cobrirá toda a ordem do quarto grau, contendo sob si as coisas pertencentes ao homem interior segundo a natureza de cada planeta” (p.289).

5 – O Quinto Grau – Pasifaé

Camillo utiliza neste grau a fábula de Pasifaé. Aquela que tendo entrado no corpo de uma vaca foi engravidada por um touro, parindo um Minotauro, este metade homem e metade touro. Significa a alma com seu corpo etéreo, por meio do qual, conforme afirmavam os platônicos, une-se ao corpo. Camillo projeta a imagem de Pasifaé sobre todas as portas do quinto grau e atesta que esta “cobrirá todas àquelas imagens às quais serão recomendados volumes que contêm coisas e palavras pertencentes não somente ao homem interior, mas àquele que é coberto também pelo exterior, e junto aos membros particulares do corpo, segundo a natureza de cada planeta [...]”(p.296-7). O touro, de Pasifaé, representa o corpo.

6- O Sexto Grau – As Sandálias

Sob todas as portas do sexto grau estarão as sandálias, bem como as outras guarnições que Mercúrio utiliza quando vai cumprir a vontade dos deuses. Isto, segundo Camillo, serve para despertar a memória “todas as operações que o homem pode fazer nesses graus subpostos naturalmente e sem qualquer artifício” (p.305).

7- O Sétimo Grau - Prometeu

Sob cada porta do sétimo grau estará a imagem de Prometeu com uma tocha acesa, como símbolo de todas as artes, designação deste sétimo grau. E para que entendamos a razão de tal atribuição Camillo remonta aquilo que diz Sócrates no Protágoras de Platão:

Diz ele, portanto, que tendo vindo o tempo fatal da criação dos animais, os deuses, que até o momento estavam sós, formaram esses animais nas vísceras da terra, de fogo e de terra e daquelas coisas que estão misturadas com o fogo e a terra. E, quando eles quiseram levá-las à luz, ordenaram a Prometeu e a Epimeteu que distribuíssem a cada um as forças adequadas. E Epimeteu pediu a Prometeu que lhe deixasse fazer tal distribuição e que ele somente ficasse conferindo. Prometeu consentiu e Epimeteu fez a distribuição. Assim, para alguns deu robustez sem rapidez, a alguns mais fracos deu velocidade, armou alguns, e, para aqueles que não tinham armas, encontrou algumas coisas para sua proteção. E aqueles que estavam fechados em pequenos corpos, para uma parte deu-lhes plumas para voar e para outra parte, o rastejar .

Considerações Finais

Diante do até aqui exposto é inegável assinalar a importância do ensaio produzido por Milton José de Almeida sobre este fascinante autor renascentista que foi Giulio Camillo. Reafirmando assim no âmbito dos estudos da memória, a importância e a necessidade de instigar a produção de trabalhos sobre “O Teatro da Memória” e sua

ambição, carregada de atualidade, e se destacando entre os passíveis de serem considerados como trabalhos imprescindíveis. Uma grande enciclopédia do saber, publicada em 1550 e que acabou por anunciar, através de seus conceitos e movimentos, aquilo que a arte e a ciência na contemporaneidade concretizariam, muito tempo depois, através do conceito de interatividade na obra de arte e o de comunicação em rede.

Percorrer, hoje, em palavras e em imagens o Teatro da Memória, tal como nos propôs Camillo, é atualizar nossas janelas de conhecimento provendo-as da alma, e talvez até por isso, mantendo-as pela memória e pelo teatro do mundo, renovadamente vivas.